

Teses equivocadas no debate sobre desindustrialização e perda de competitividade da indústria brasileira

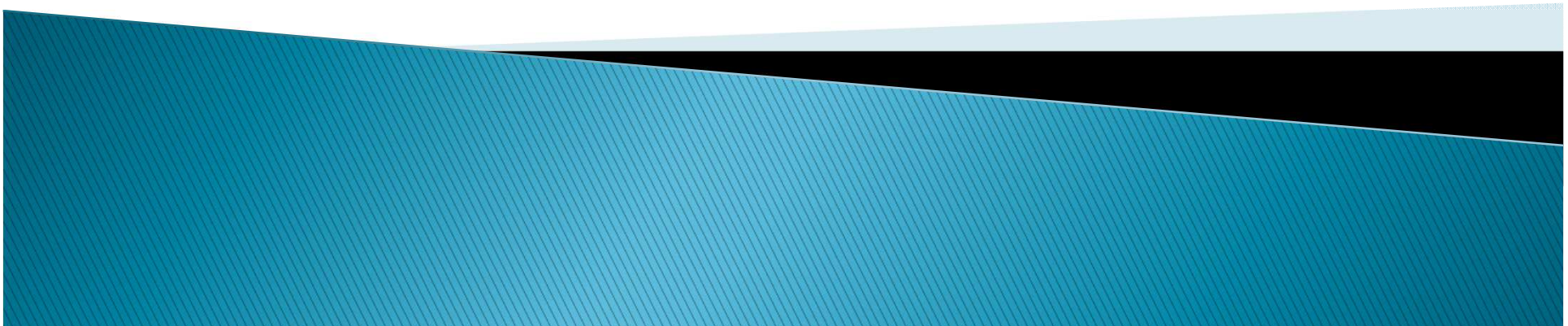
José Luis Oreiro

Professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília

Pesquisador Nível IC do CNPq

Diretor da Associação Keynesiana Brasileira

Líder do Grupo de Pesquisa Macroeconomia Estruturalista do Desenvolvimento



Estrutura da Apresentação

1. Interlúdio conceitual: conceituação, causas e consequências do processo de desindustrialização.
2. As Teses Equivocadas sobre a desindustrialização e a perda de competitividade da indústria brasileira.
3. O que sabemos sobre a situação da indústria brasileira de transformação?



1 – Interlúdio Conceitual

- ▶ O conceito “clássico” de “desindustrialização” foi definido por Rowthorn e Ramaswamy (1999) como sendo uma redução persistente da participação do emprego industrial no emprego total de um país ou região.
- ▶ Mais recentemente, Tregenna (2009) redefiniu de forma mais ampla o conceito “clássico” de desindustrialização como sendo uma situação na qual tanto o emprego industrial como o valor adicionado da indústria se reduzem como proporção do emprego total e do PIB, respectivamente



Desindustrialização é uma mudança estrutural, não um problema cíclico

- ▶ A primeira observação importante a respeito do conceito ampliado de “desindustrialização” é que o mesmo é compatível com um crescimento (expressivo) da produção da indústria em termos físicos.
 - Em outras palavras, uma economia não se desindustrializa quando a produção industrial está estagnada ou em queda, mas quando o setor industrial perde importância como fonte geradora de empregos e/ou de valor adicionado para uma determinada economia.
 - Dessa forma, a simples expansão da produção industrial (em termos de *quantum*) não pode ser utilizada como “prova” da inexistência de desindustrialização.



Desindustrialização implica Reprimarização da Pauta Exportadora ?

- ▶ A segunda observação é que a desindustrialização não está necessariamente associada a uma “re-primarização da pauta de exportação”.
 - Com efeito, a participação da indústria no emprego e no valor adicionado pode se reduzir em função da transferência para o exterior das atividades manufatureiras mais intensivas em trabalho e/ou com menor valor adicionado.
 - Se assim for, a desindustrialização pode vir acompanhada por um aumento da participação de produtos com maior conteúdo tecnológico e maior valor adicionado na pauta de exportações.
 - Nesse caso, a desindustrialização é classificada como “positiva”.



Desindustrialização Negativa e Doença Holandesa

- ▶ Se a desindustrialização vier acompanhada de uma “re-primarização” da pauta de exportações, ou seja, por um processo de reversão da pauta exportadora na direção de *commodities*, produtos primários ou manufaturas com baixo valor adicionado e/ou baixo conteúdo tecnológico; então isso pode ser sintoma da ocorrência de “doença holandesa”, ou seja, a desindustrialização **causada** pela apreciação da taxa real de câmbio resultante da descoberta de recursos naturais escassos num determinado país ou região.
- ▶ Nesse caso, a desindustrialização é classificada como “negativa”, pois é o resultado de uma “falha de mercado” na qual a existência e/ou a descoberta de recursos naturais escassos, para os quais o preço de mercado é superior ao custo marginal social de produção, gera uma apreciação da taxa de câmbio real, produzindo assim uma externalidade negativa sobre o setor produtor de bens manufaturados (Bresser-Pereira, 2008)



Sobre as causas da desindustrialização

- ▶ Segundo Rowthorn e Ramaswany (1999) a desindustrialização pode ser causada por fatores internos e externos a uma determinada economia.
 - Os fatores internos seriam basicamente dois, a saber: uma mudança na relação entre a elasticidade renda da demanda por produtos manufaturados e serviços e o crescimento mais rápido da produtividade na indústria do que no setor de serviços.
 - Os fatores externos que induzem a desindustrialização estão relacionados ao grau de integração comercial e produtiva das economias, ou seja, com o estágio alcançado pelo assim clamado processo de “globalização”.



Desindustrialização como um estágio superior do desenvolvimento

- ▶ O processo de desenvolvimento econômico levaria “naturalmente” todas as economias a se desindustrializar a partir de um certo nível de renda per-capita.
 - Isso porque a elasticidade renda da demanda de serviços tende a crescer com o desenvolvimento econômico, tornando-se maior do que a elasticidade renda da demanda por manufaturados.
 - Dessa forma, a continuidade do desenvolvimento econômico levará a um aumento da participação dos serviços no PIB e, a partir de um certo nível de renda per-capita, a uma queda da participação da indústria no PIB.
 - Além disso, como a produtividade do trabalho cresce mais rapidamente na indústria do que nos serviços, a participação do emprego industrial deverá iniciar seu processo de declínio antes da queda da participação da indústria no valor adicionado.



Desindustrialização e Globalização

- ▶ Os diferentes países podem se especializar na produção de manufaturados (o caso da China e da Alemanha) ou na produção de serviços (Estados Unidos e Reino Unido).
- ▶ Além disso, alguns países podem se especializar na produção de manufaturados intensivos em trabalho qualificado, ao passo que outros podem se especializar na produção de manufaturados intensivos em trabalho não-qualificado.
- ▶ Esse padrão de desenvolvimento gera uma redução do emprego industrial (em termos relativos) no primeiro grupo e um aumento do emprego industrial no segundo grupo



Desindustrialização Precoce e Doença Holandesa

- ▶ A relação entre a participação do emprego (e do valor adicionado) da indústria e a renda per-capita pode ser afetada pela “doença holandesa” (Palma, 2005).
- ▶ Nesse contexto, a abundância de recursos naturais pode induzir a uma redução da participação da indústria no emprego e no valor adicionado por intermédio da apreciação cambial, a qual resulta em perda de competitividade da indústria e déficit comercial crescente da mesma.
 - Em outras palavras, a **desindustrialização causada pela “doença holandesa”** está associada a **déficits comerciais crescentes da indústria e superávits comerciais (crescentes) no setor não-industrial.**
- ▶ A desindustrialização causada pela “doença holandesa” é também denominada de “desindustrialização precoce”; uma vez que a mesma se iniciaria a um nível de renda per-capita inferior ao observado nos países desenvolvidos quando os mesmos iniciaram o seu processo de desindustrialização.
 - Sendo assim, os países afetados pela “doença holandesa” iniciam o seu processo de desindustrialização sem terem alcançado o “ponto de maturidade” de suas respectivas estruturas industriais e, portanto, sem ter esgotado todas as possibilidades de desenvolvimento econômico que são permitidas pelo processo de industrialização



Indústria como motor do crescimento

- ▶ A indústria é o motor de crescimento de longo-prazo, pois ela é a fonte de retornos crescentes de escala (indispensável para a sustentação do crescimento no longo-prazo), é o setor com maiores encadeamentos para frente e pra trás na estrutura produtiva, é a fonte e/ou a principal difusora do progresso tecnológico e permite o relaxamento da restrição de balanço de pagamentos ao crescimento de longo-prazo pois as exportações de manufaturados tem maior elasticidade renda do que a exportação de produtos primários.
 - Nesse contexto, a desindustrialização é um fenômeno que tem impacto negativo sobre o potencial de crescimento de longo-prazo, pois reduz a geração de retornos crescentes, diminui o ritmo de progresso técnico e aumenta a restrição externa ao crescimento




Desindustrialização é uma mudança estrutural perversa

- ▶ A produtividade do trabalho é maior na indústria de transformação (principalmente para os manufaturados de alta e média-alta tecnologia) do que no resto da economia.
- ▶ Isso implica que uma redução da participação da indústria de transformação no emprego e/ou no valor adicionado da economia deverá resultar numa diminuição da produtividade média da economia.

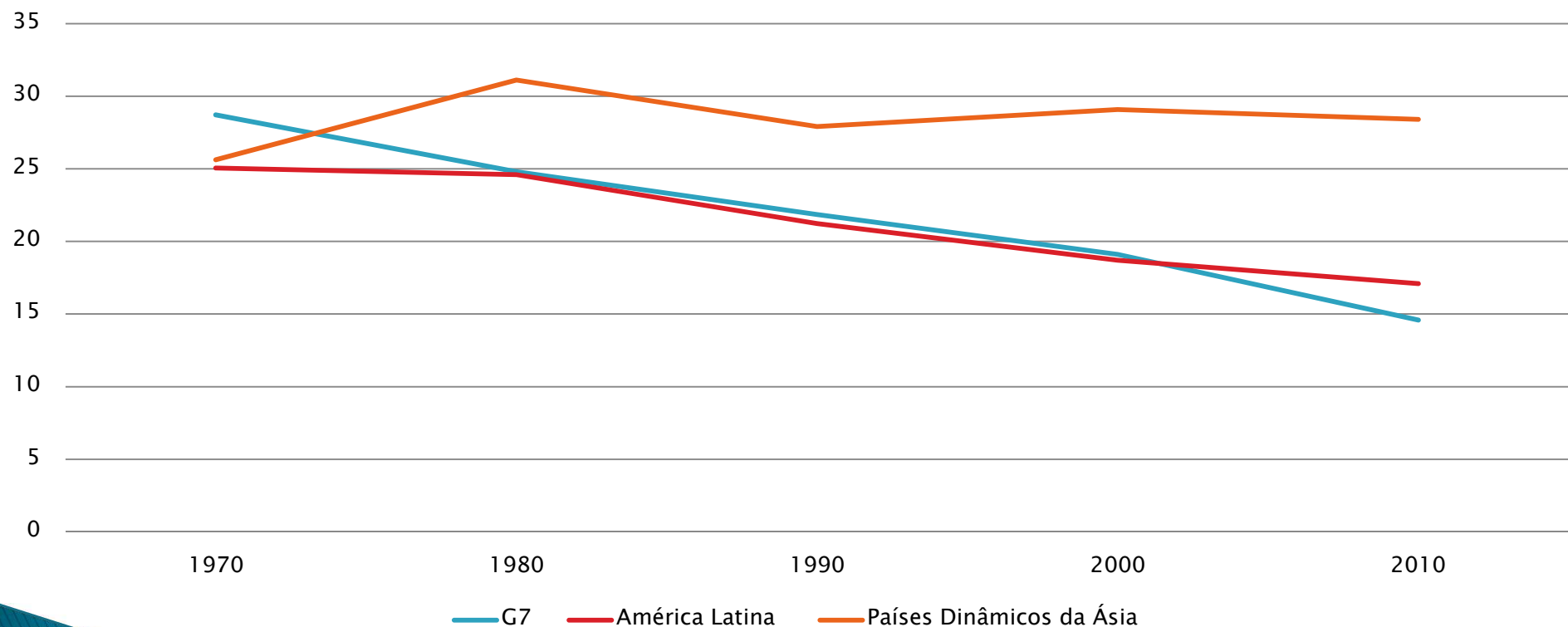


2 – As teses equivocadas

1. A desindustrialização é um fenômeno mundial.
 2. A economia brasileira não está se desindustrializando.
 3. A desindustrialização brasileira é decorrência natural do seu estágio de desenvolvimento
 4. A indústria é um setor como outro qualquer.
 5. O caso da Austrália mostra que a industrialização não é fundamental para um país se tornar membro do primeiro mundo.
 6. A desindustrialização brasileira não se deve a apreciação da taxa de câmbio.
 7. A apreciação cambial no Brasil é similar a dos demais países emergentes.
 8. A perda de competitividade da indústria brasileira deve-se ao baixo dinamismo da produtividade e ao crescimento dos salários.
 9. A apreciação cambial é decorrente da implementação do “Estado do Bem-Estar Social”.
 10. O câmbio apreciado veio pra ficar.
- 

A Desindustrialização é um fenômeno mundial ?

Participação da Indústria de transformação no PIB no G7, América Latina e Países Dinâmicos da Ásia (1970–2010)

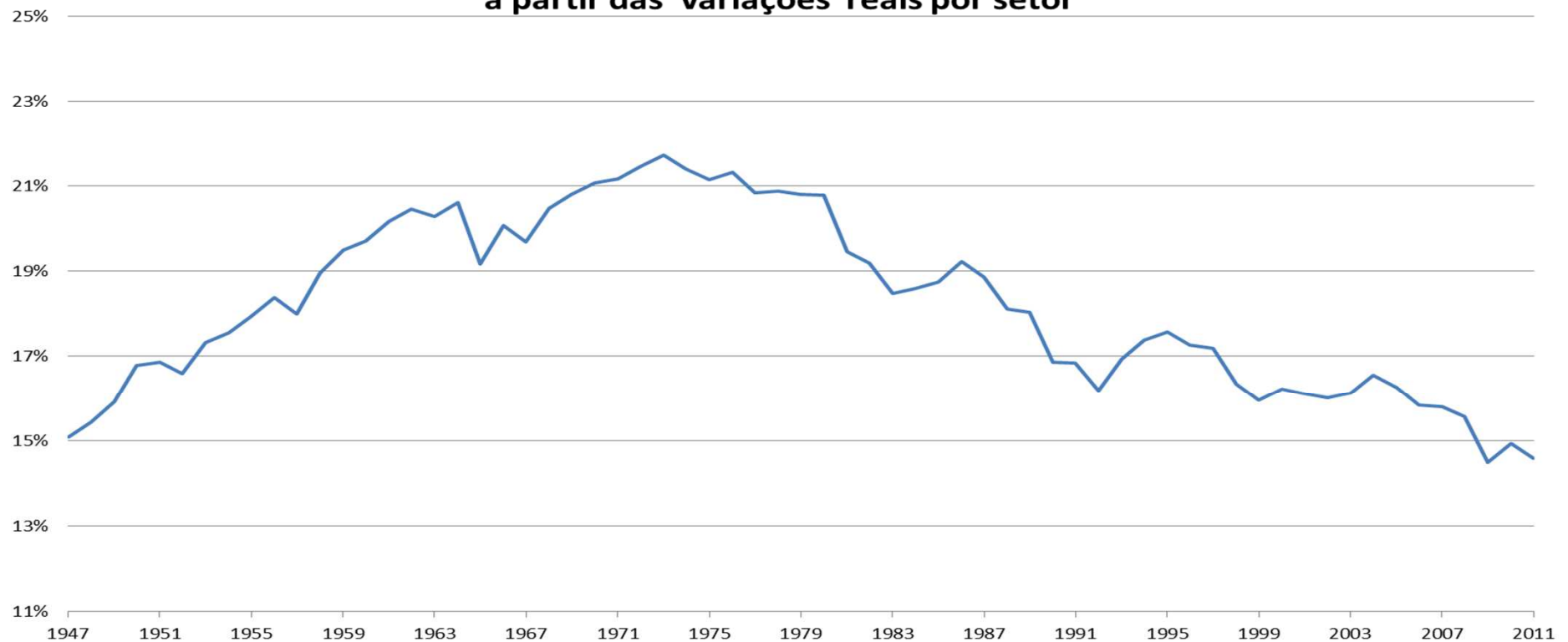


Fonte : Rocha (2011), Elaboração própria

O Brasil não está se desindustrializando?

Participação da indústria de transformação no valor adicionado a preços constantes de 2011

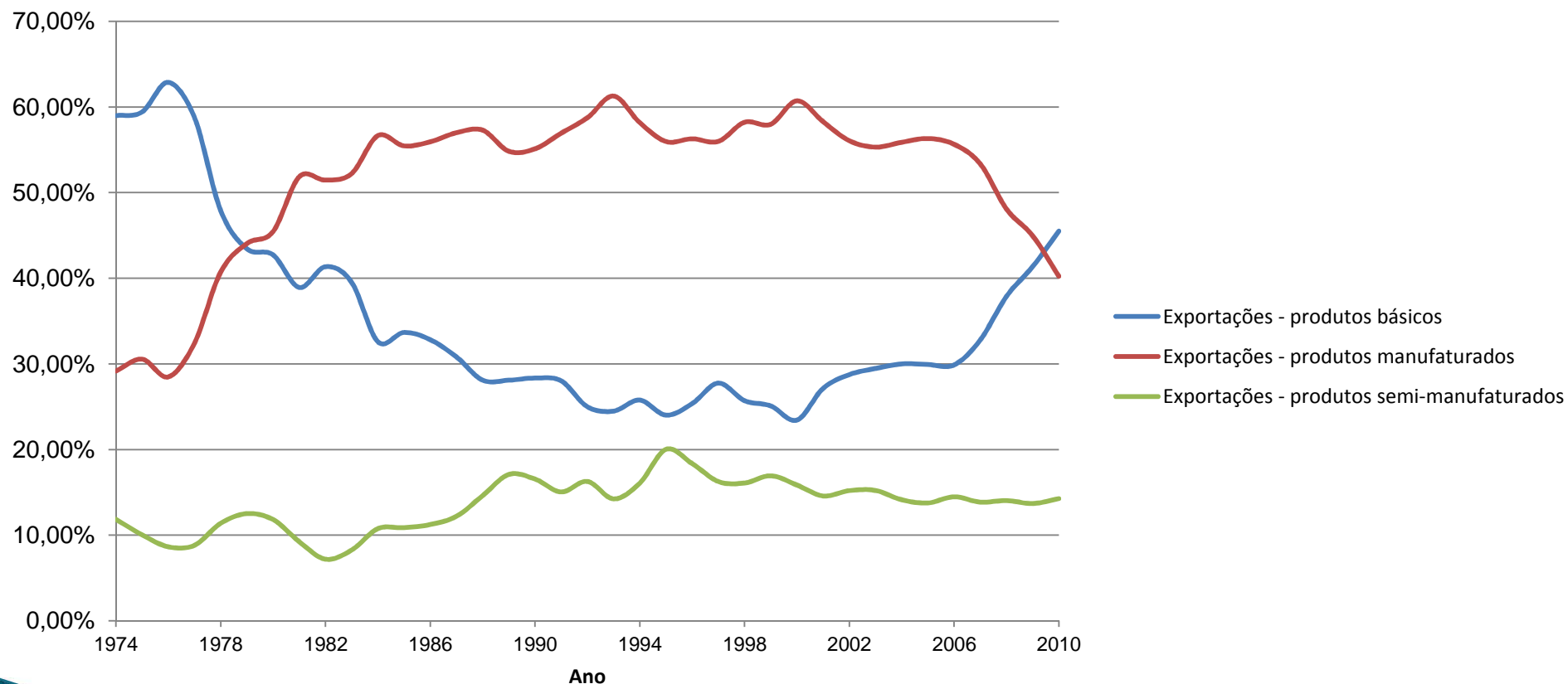
Fonte: IPEADATA, com cálculos do autor, a partir das variações reais por setor



Fonte : Marconi e Rocha (2011)

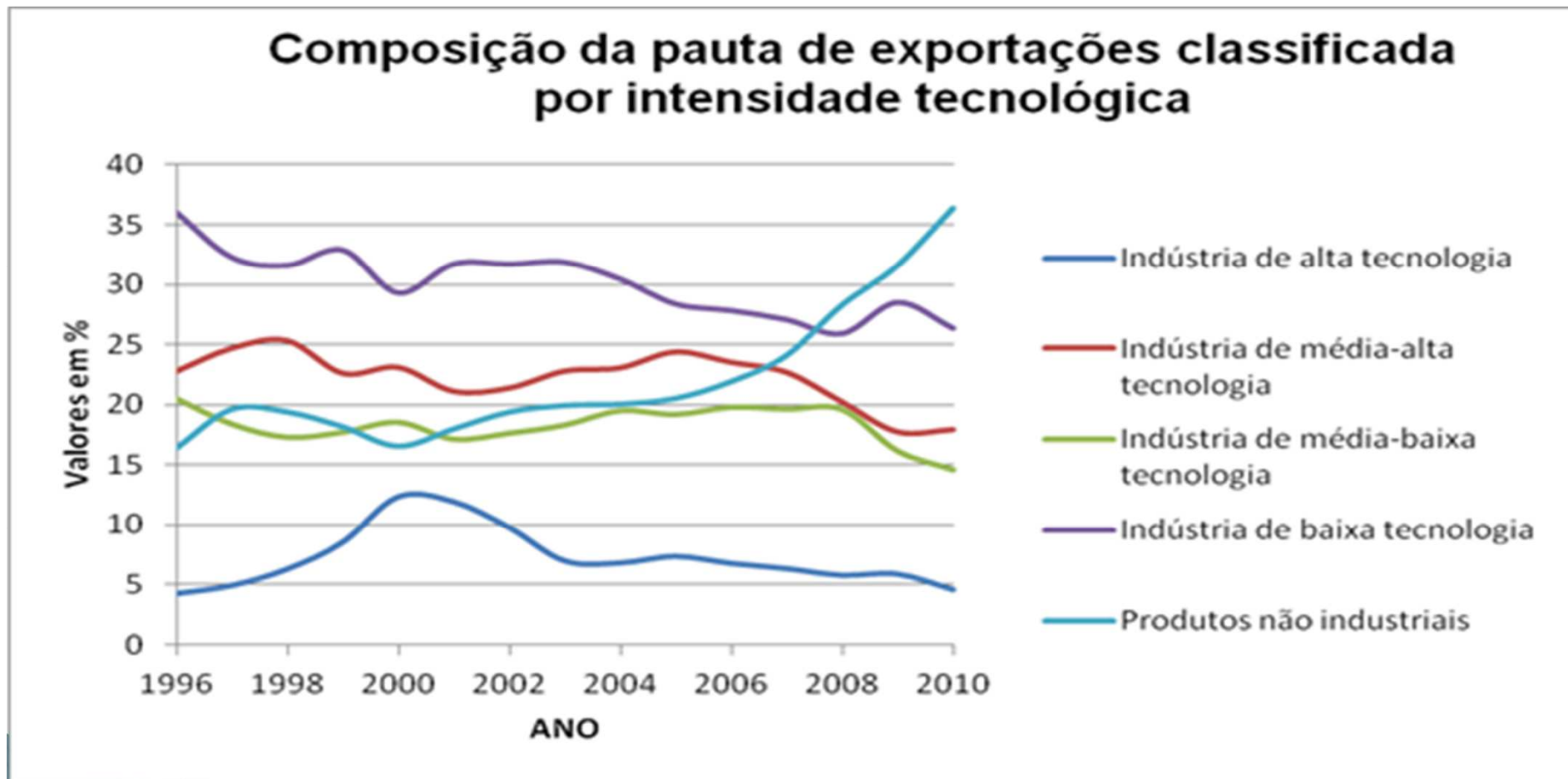
O Brasil não está se desindustrializando?

Composição da pauta de exportações brasileira



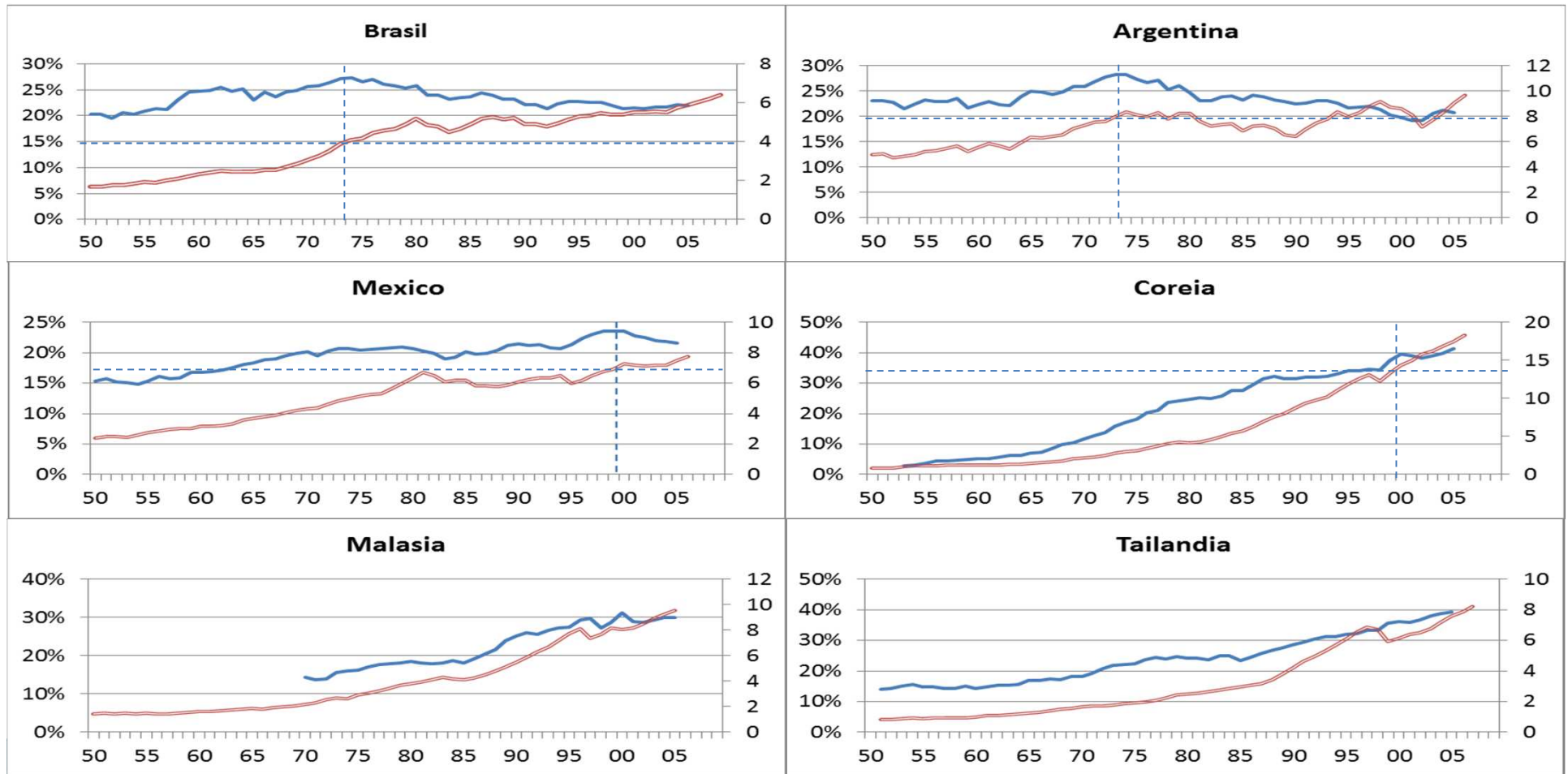
Fonte : Faria (2011)

O Brasil não está se desindustrializando?



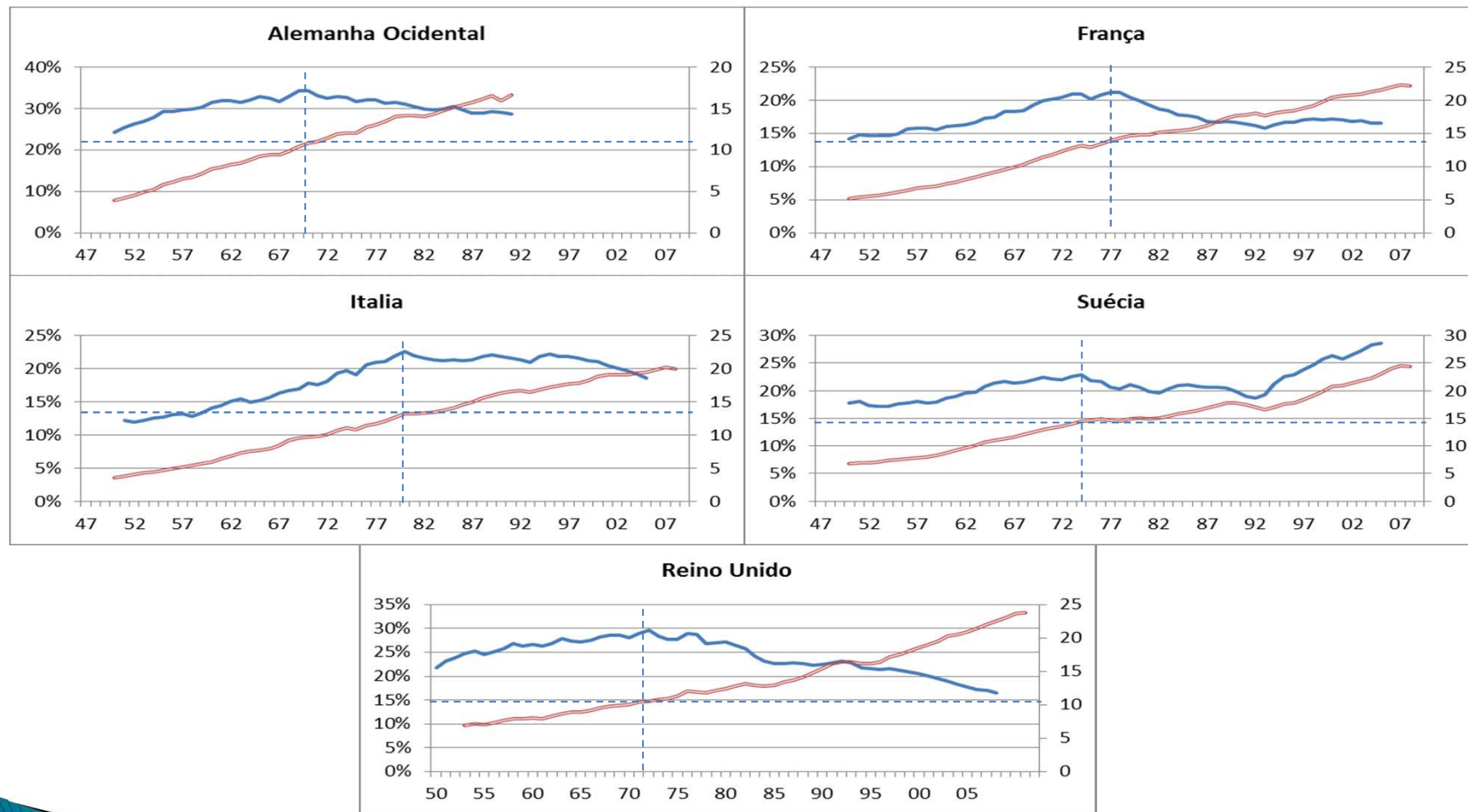
Fonte : Faria (2011)

Desindustrialização natural ou precoce?



Fonte : Marconi e Rocha (2011)

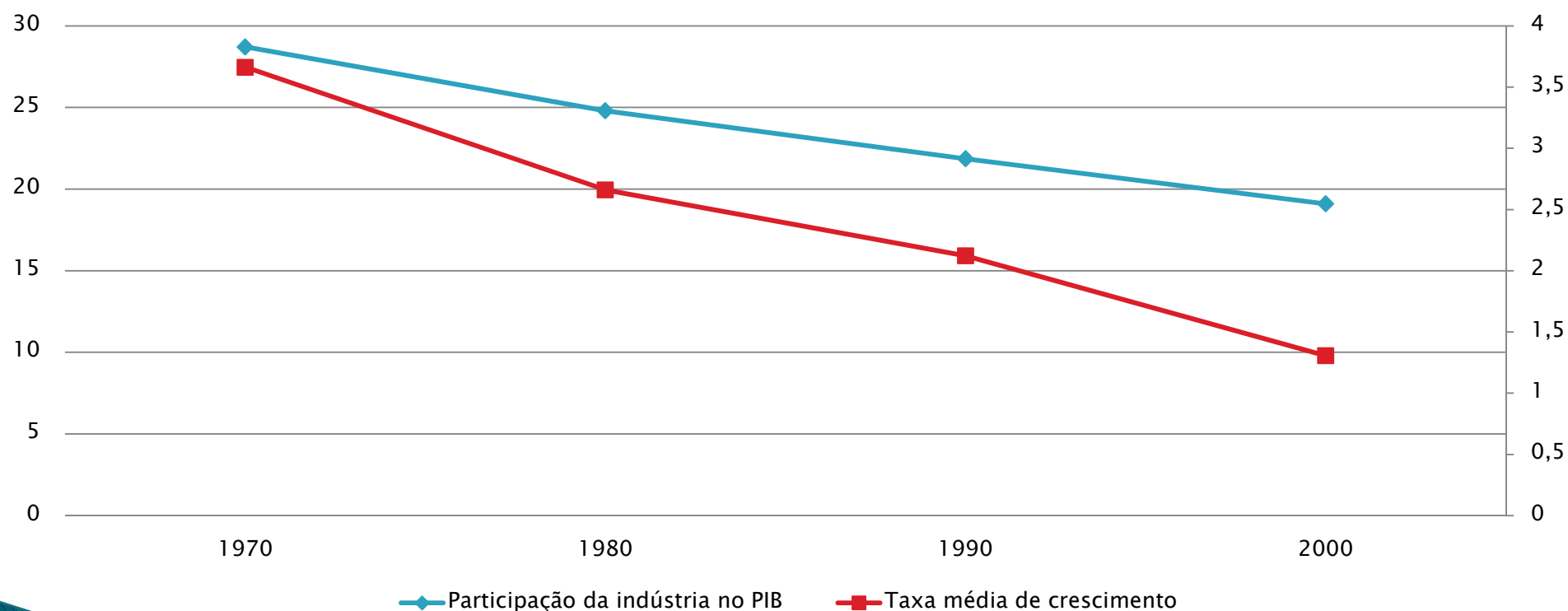
Desindustrialização natural ou precoce?



Fonte : Marconi e Rocha (2011)

A indústria é um setor como outro qualquer?

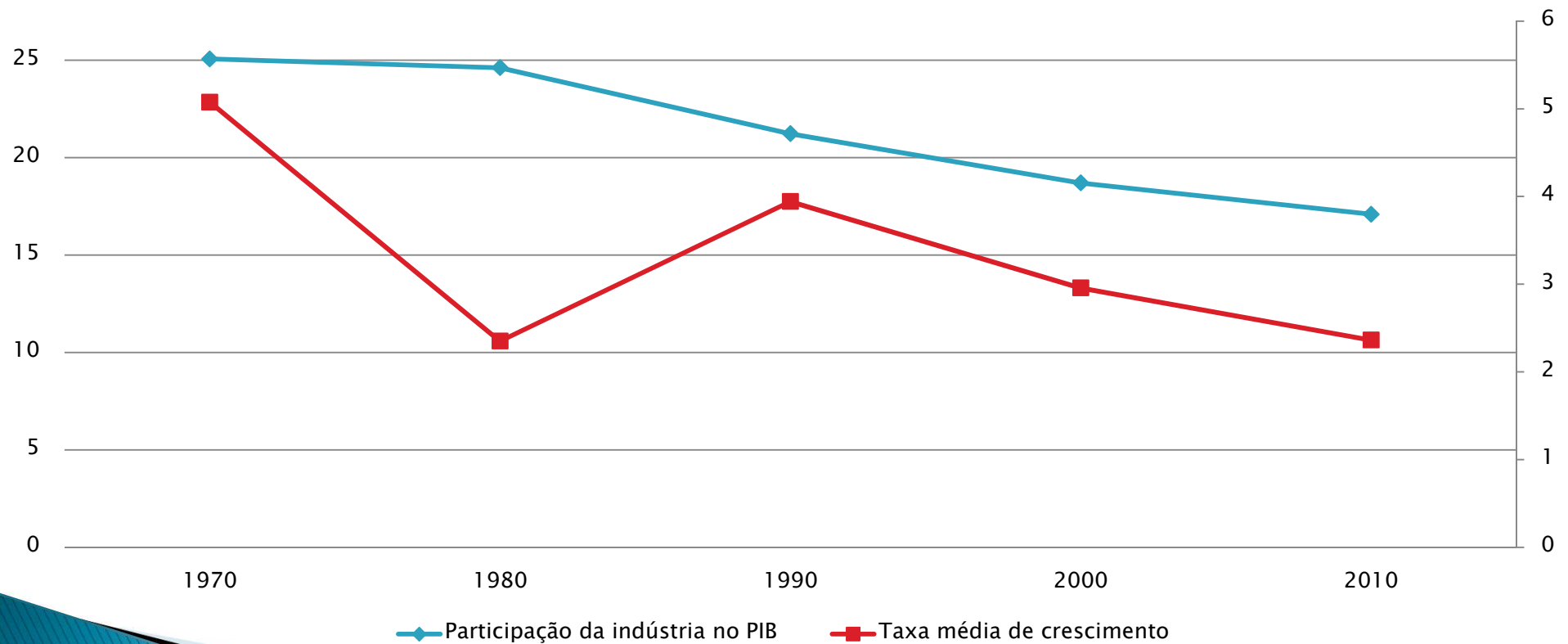
Participação da Indústria no PIB e Taxa Média de Crescimento nos países do G7 (1970–2000)



Fonte : Rocha (2011), Elaboração própria

A indústria é um setor como outro qualquer?

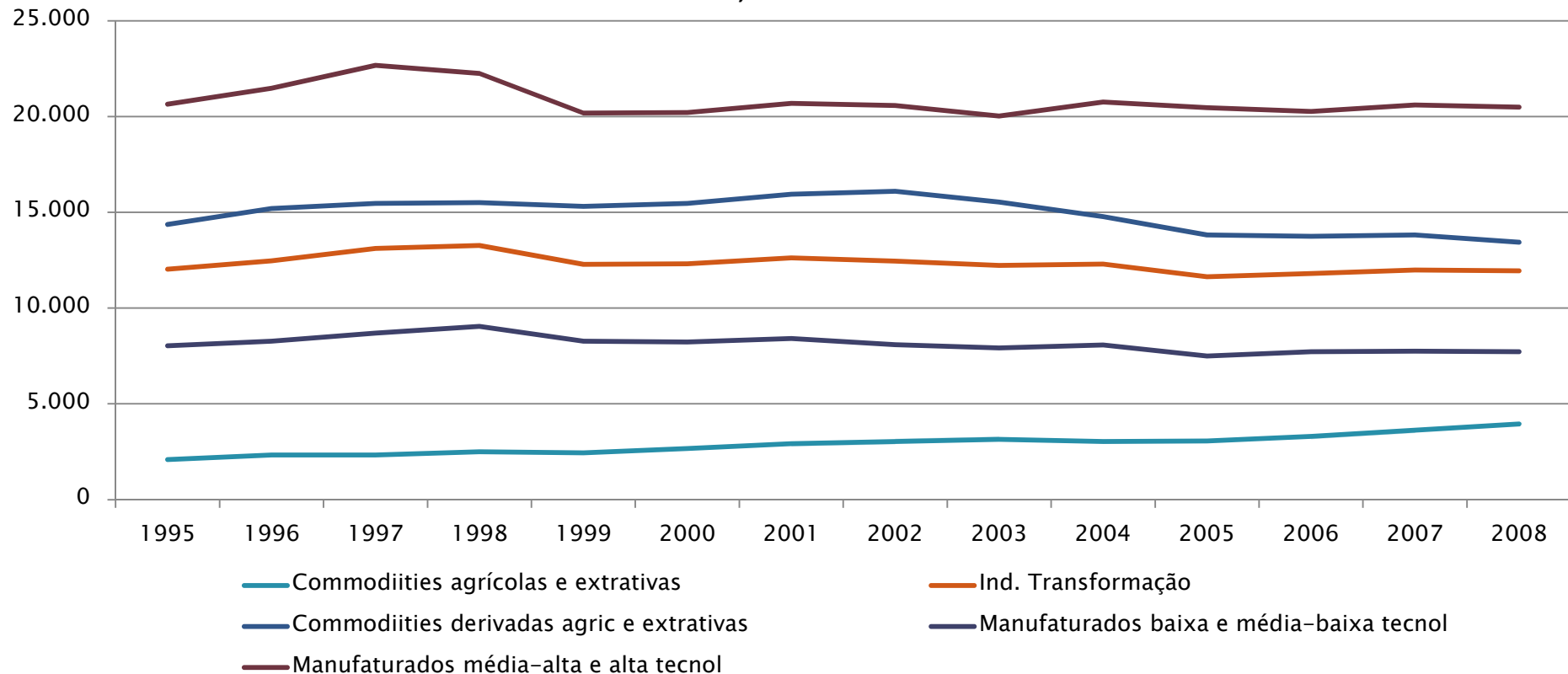
Dinâmica da Participação da Indústria no PIB e da Taxa média de crescimento em 4 Economias da América Latina (1970–2010)



Fonte : Rocha (2011), Elaboração própria

A Indústria é um setor como outro qualquer?

PRODUTIVIDADE MÉDIA (VALOR ADICIONADO / EMPREGO)
Em reais de 1995, fonte: Contas Nacionais



Fonte : Marconi e Rocha (2011)

A Indústria é um setor como outro qualquer?

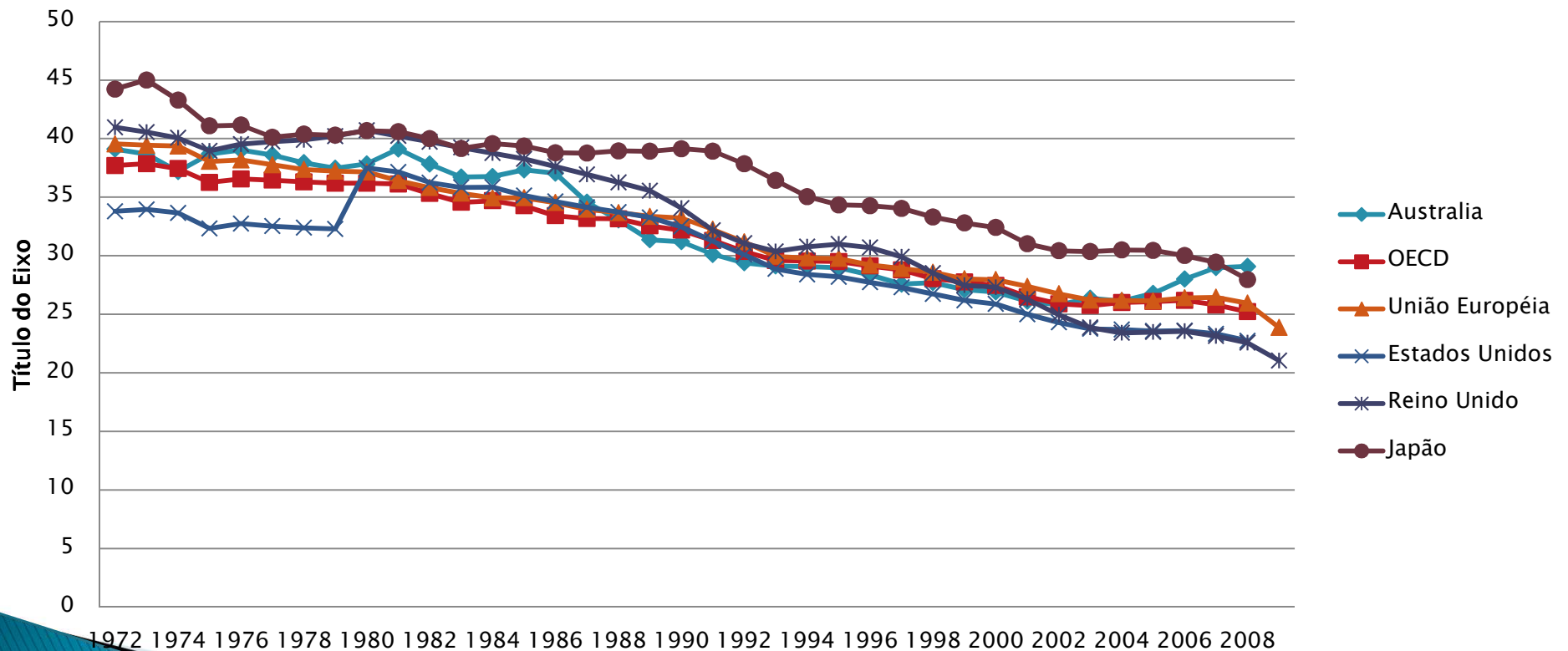
Participação setorial no emprego (em %)

	Commodities agrícolas e extrativas	Ind. Transformação	Commodities derivadas agric e extrativas	Manufaturados baixa e média-baixa tecnol	Manufaturados média-alta e alta tecnol	Comercializáveis	Não comercializáveis
1995	26,3%	13,0%	3,3%	7,2%	2,5%	39,3%	60,7%
1996	24,9%	12,8%	3,2%	7,2%	2,4%	37,7%	62,3%
1997	24,8%	12,3%	3,2%	6,7%	2,3%	37,1%	62,9%
1998	24,1%	11,6%	3,1%	6,3%	2,2%	35,7%	64,3%
1999	24,5%	11,7%	3,0%	6,5%	2,2%	36,2%	63,8%
2000	22,6%	12,0%	3,0%	6,7%	2,3%	34,6%	65,4%
2001	21,5%	11,8%	3,0%	6,6%	2,2%	33,3%	66,7%
2002	21,3%	11,7%	3,0%	6,5%	2,2%	33,0%	67,0%
2003	21,3%	11,9%	3,1%	6,5%	2,3%	33,2%	66,8%
2004	21,7%	12,2%	3,2%	6,6%	2,4%	33,9%	66,1%
2005	21,2%	12,8%	3,4%	7,0%	2,5%	34,0%	66,0%
2006	20,0%	12,5%	3,3%	6,7%	2,5%	32,5%	67,5%
2007	18,9%	12,8%	3,3%	6,8%	2,6%	31,7%	68,3%
2008	18,1%	13,0%	3,4%	6,8%	2,8%	31,1%	68,9%
Variação % 08/95	-31,3%	0,4%	4,8%	-5,6%	11,9%	-20,8%	13,5%
Fonte: IBGE, Contas Nacionais							

Fonte : Marconi e Rocha (2011)

A Austrália é um país desenvolvido diferente dos outros?

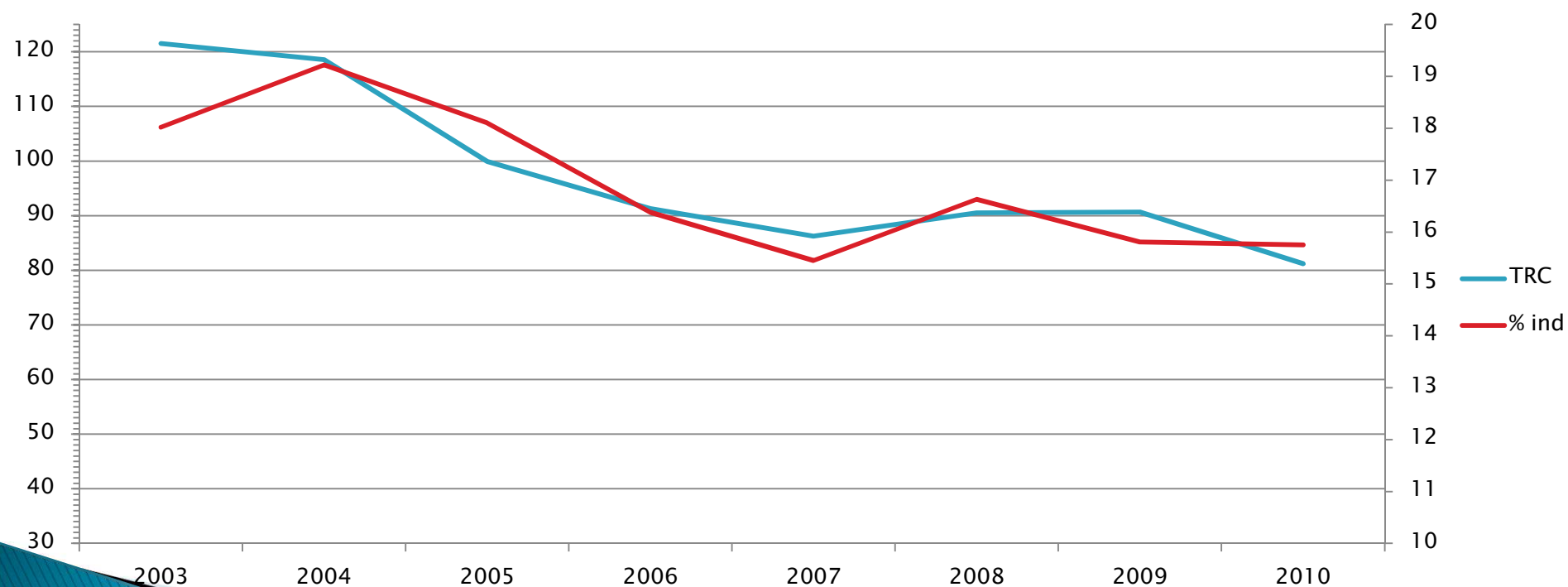
Participação da Indústria Total no PIB de Países Seleccionados (1972-2009)



Fonte :Banco Mundial

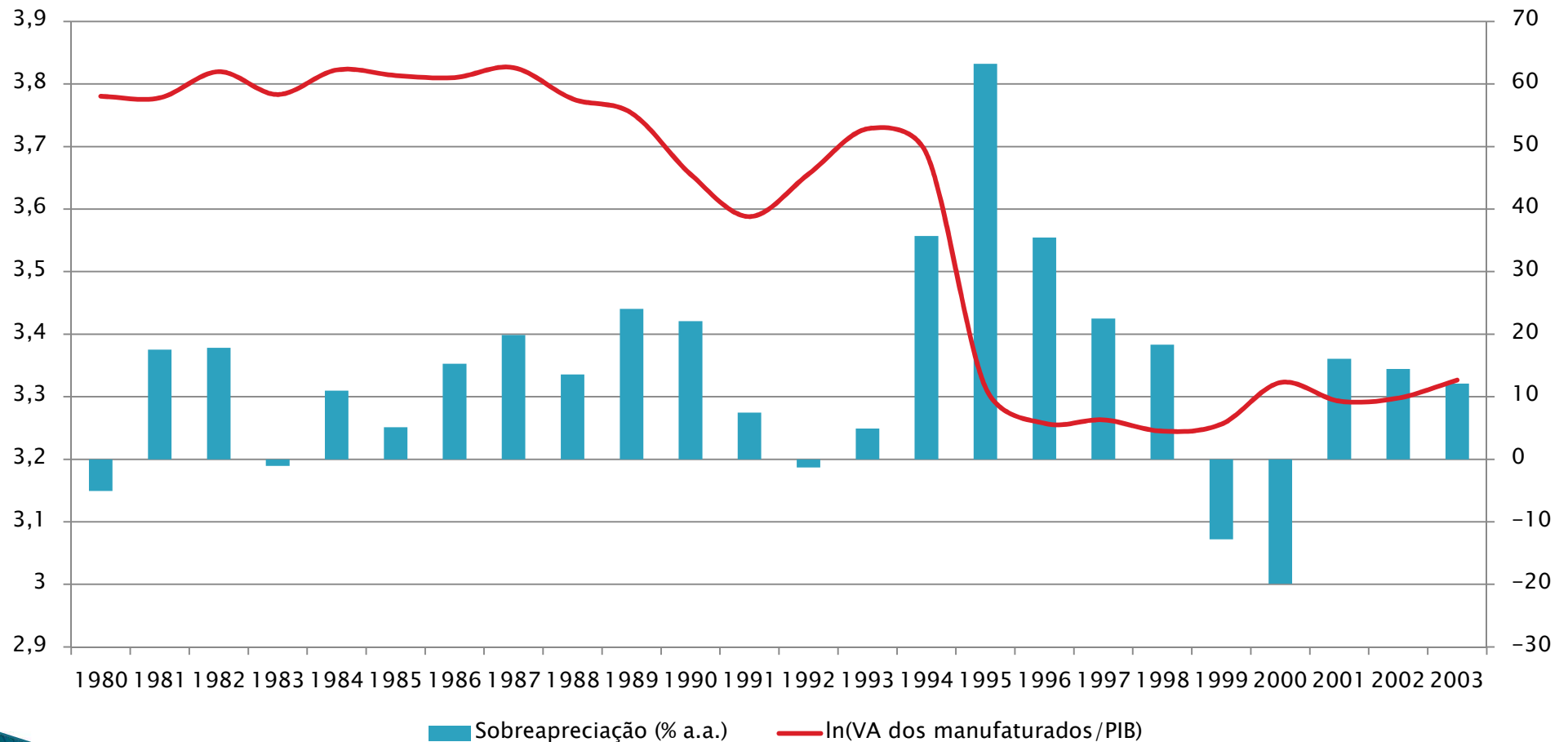
A Desindustrialização brasileira não se deve a apreciação cambial?

Evolução da Taxa Real Efetiva de Câmbio e da Participação da Indústria de Transformação no PIB da Economia Brasileira (2003–2010)



Fonte : IPEADATA, Elaboração própria

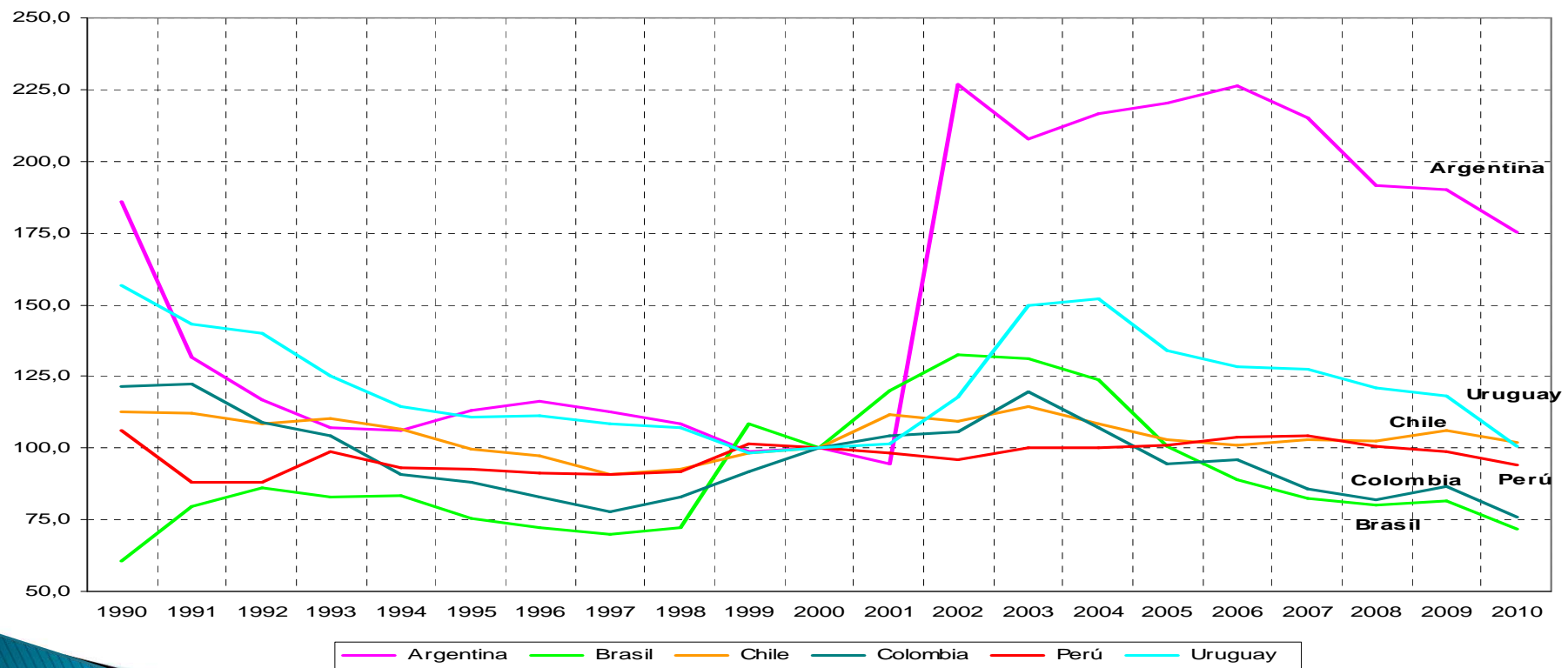
A Desindustrialização brasileira não se deve a sobrevalorização cambial?



Fonte : Marconi e Rocha (2011)

A apreciação cambial do Brasil é similar a dos demais países emergentes?

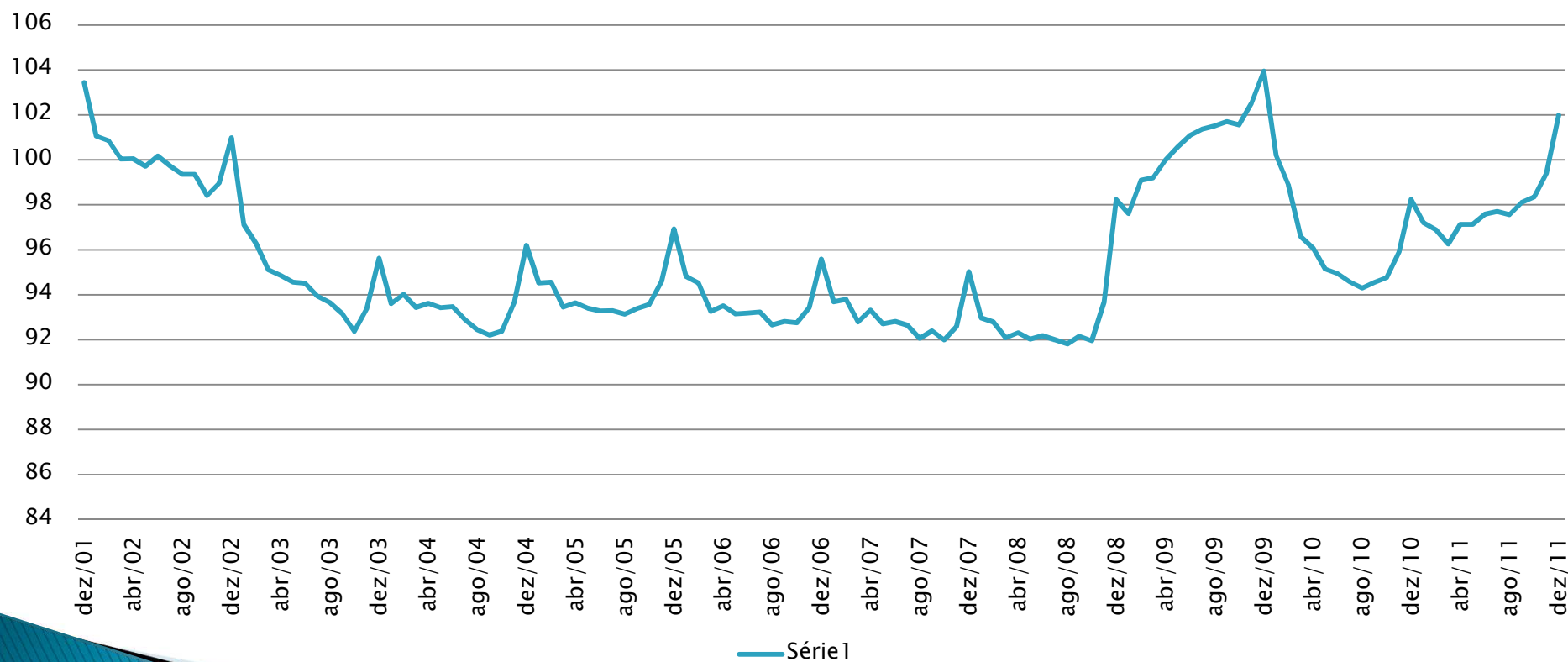
**Tipos de cambio real efectivos (CEPAL). América del Sur
(100=2000)**



Fonte : Frenkel e Rapetti (2011)

Perda de competitividade devido ao baixo dinamismo?

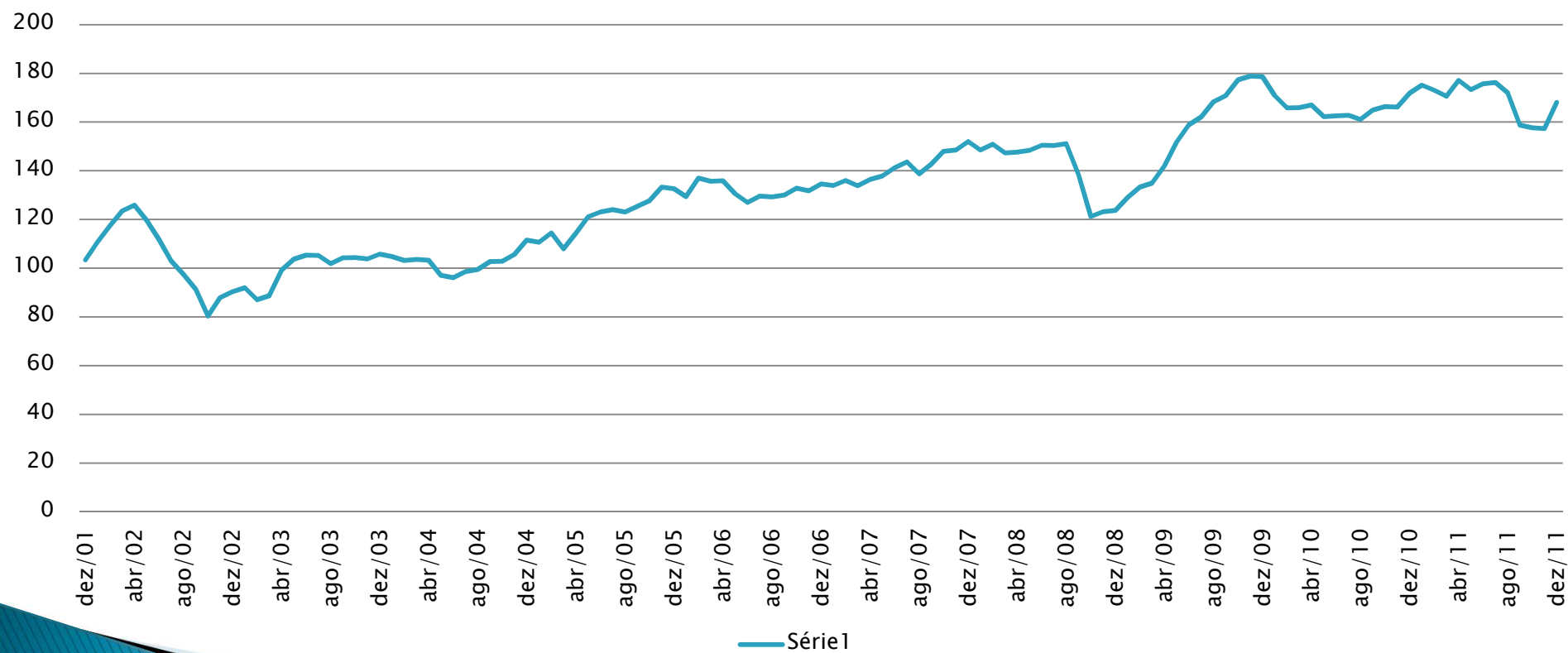
Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação,
Média móvel dos últimos 12 meses (Dez.01 /dez.11)



Fonte : CEMACRO, Elaboração própria

Perda de competitividade devido ao baixo dinamismo?

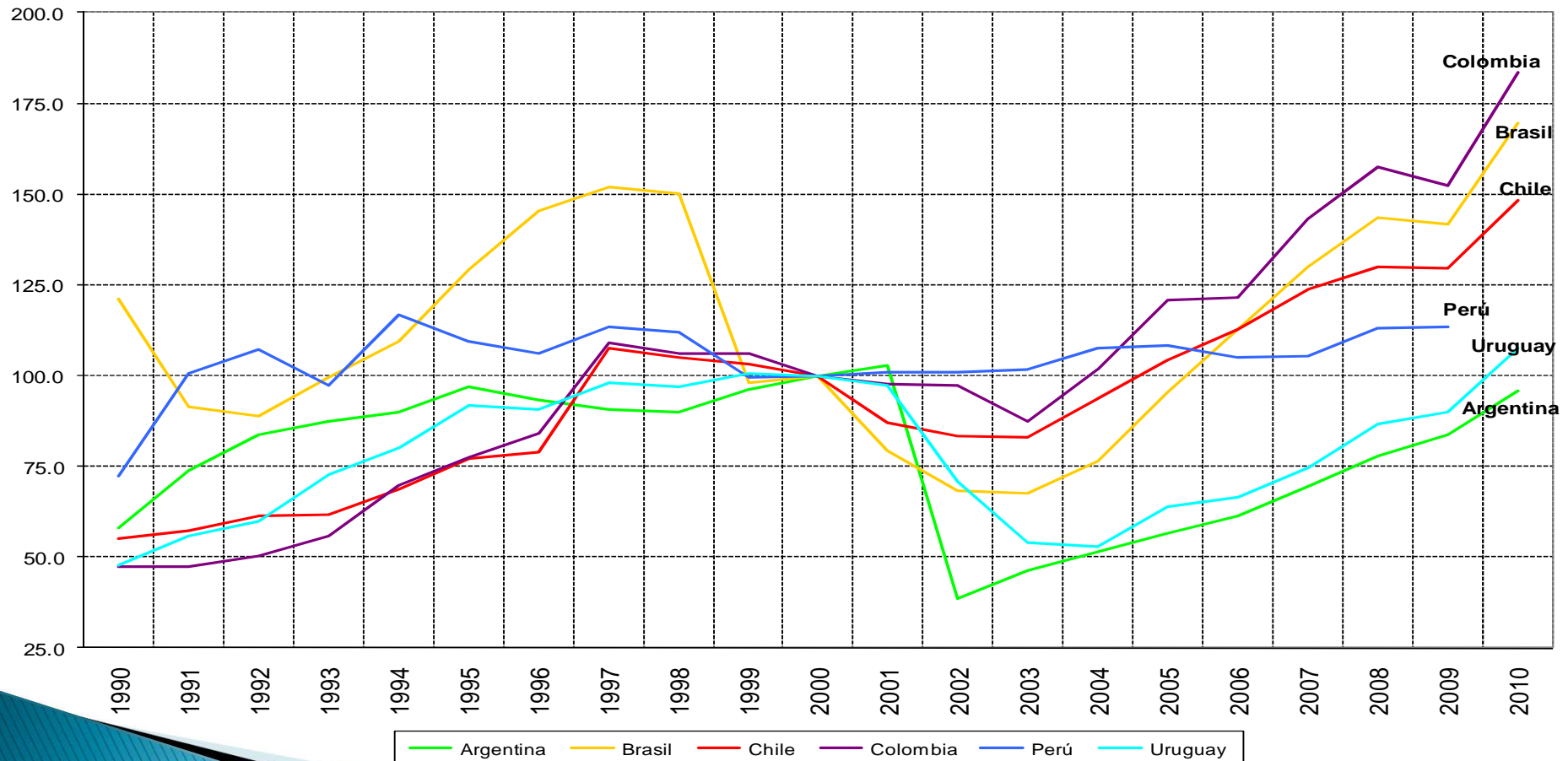
Custo Unitário do Trabalho/Taxa Real Efetiva de Câmbio da Indústria de Transformação (Dez/01-Dez.11)



Fonte : CEMACRO, Elaboração própria

Perda de Competitividade devido a baixo dinamismo?

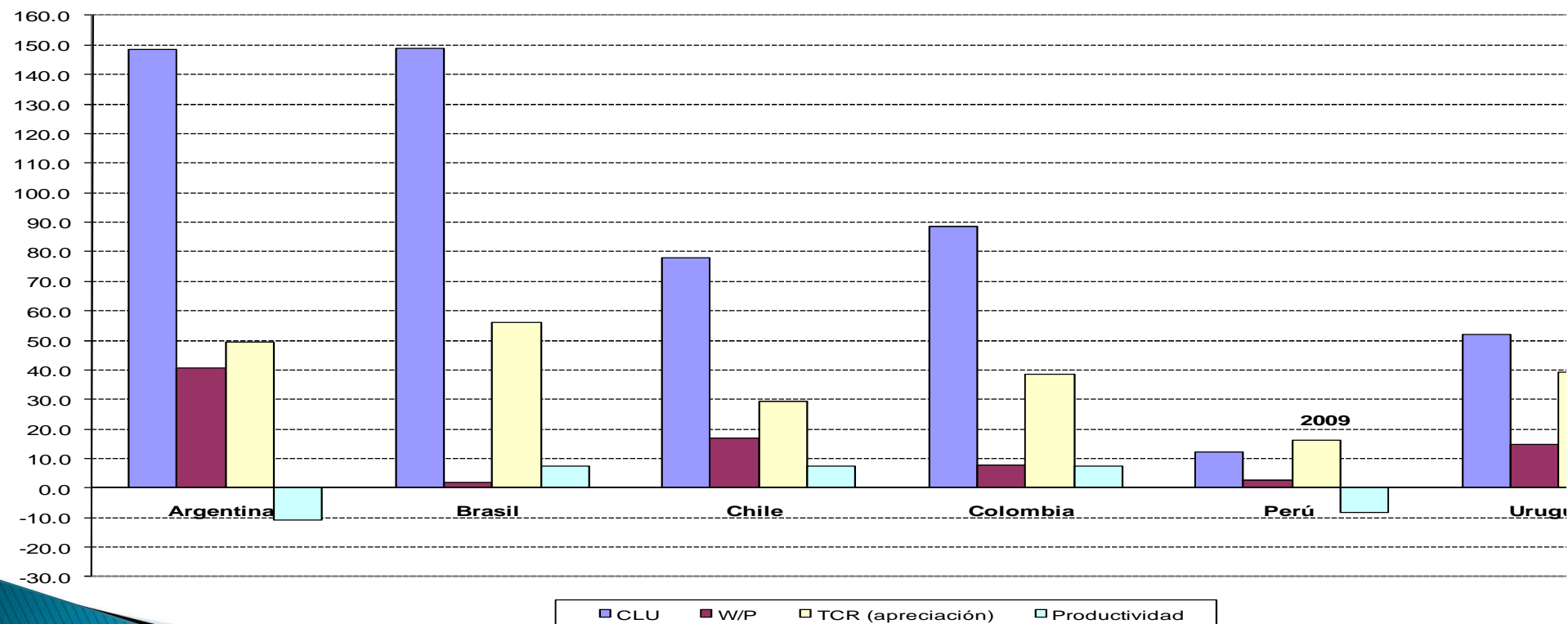
Costo laboral unitario en US\$ (CLU\$). América del Sur. (100=2000)



Fonte : Frenkel e Rapetti (2011)

Perda de competitividade devido a baixo dinamismo?

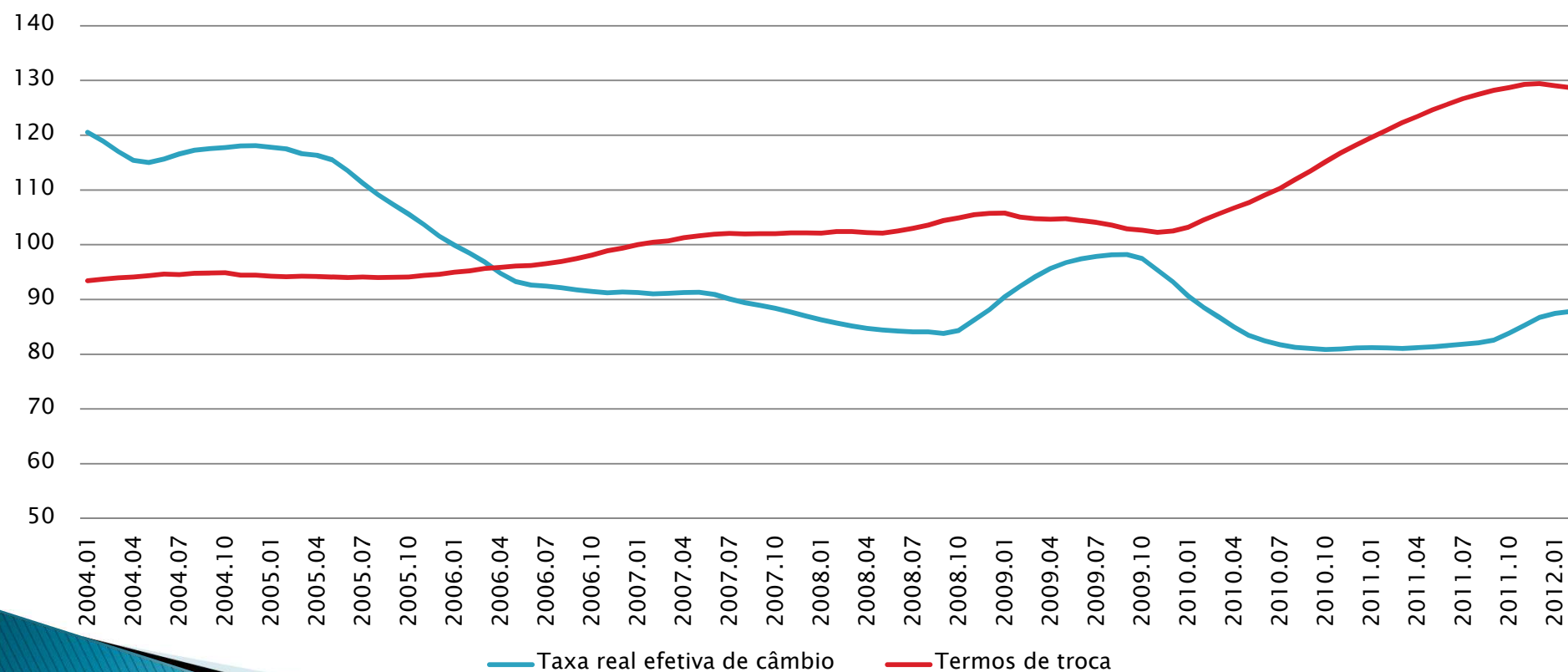
**Incremento del CLU\$ entre 2002 y 2010: descomposición en factores explicativos.
América del Sur
(en porcentajes)**



Fonte : Frenkel e Rapetti (2011)

A apreciação cambial é decorrente da implementação do “Estado do Bem-Estar Social”?

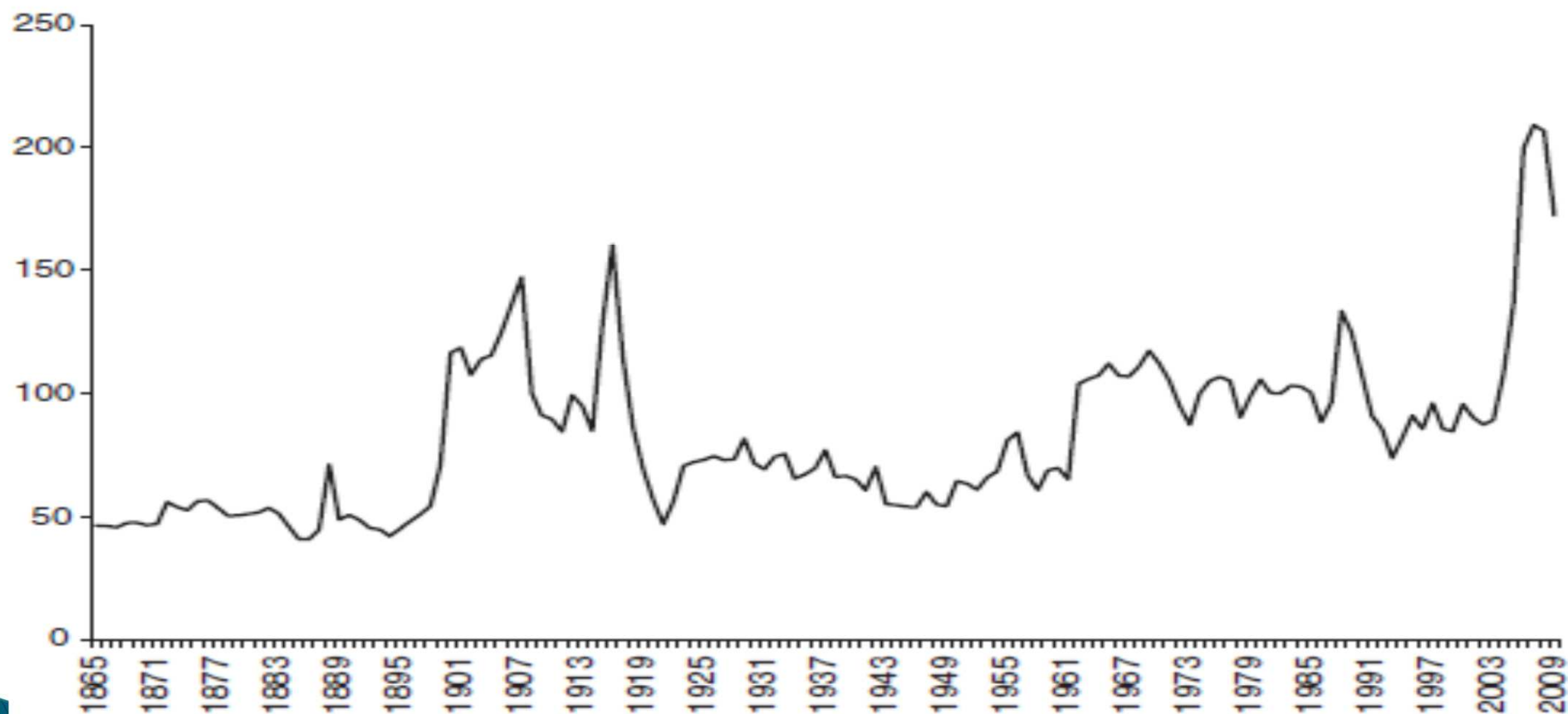
Taxa real efetiva de câmbio e termos de troca da economia brasileira (2004/01–2012-01)



Fonte : IPEADATA, Elaboração própria

O câmbio apreciado veio pra ficar?

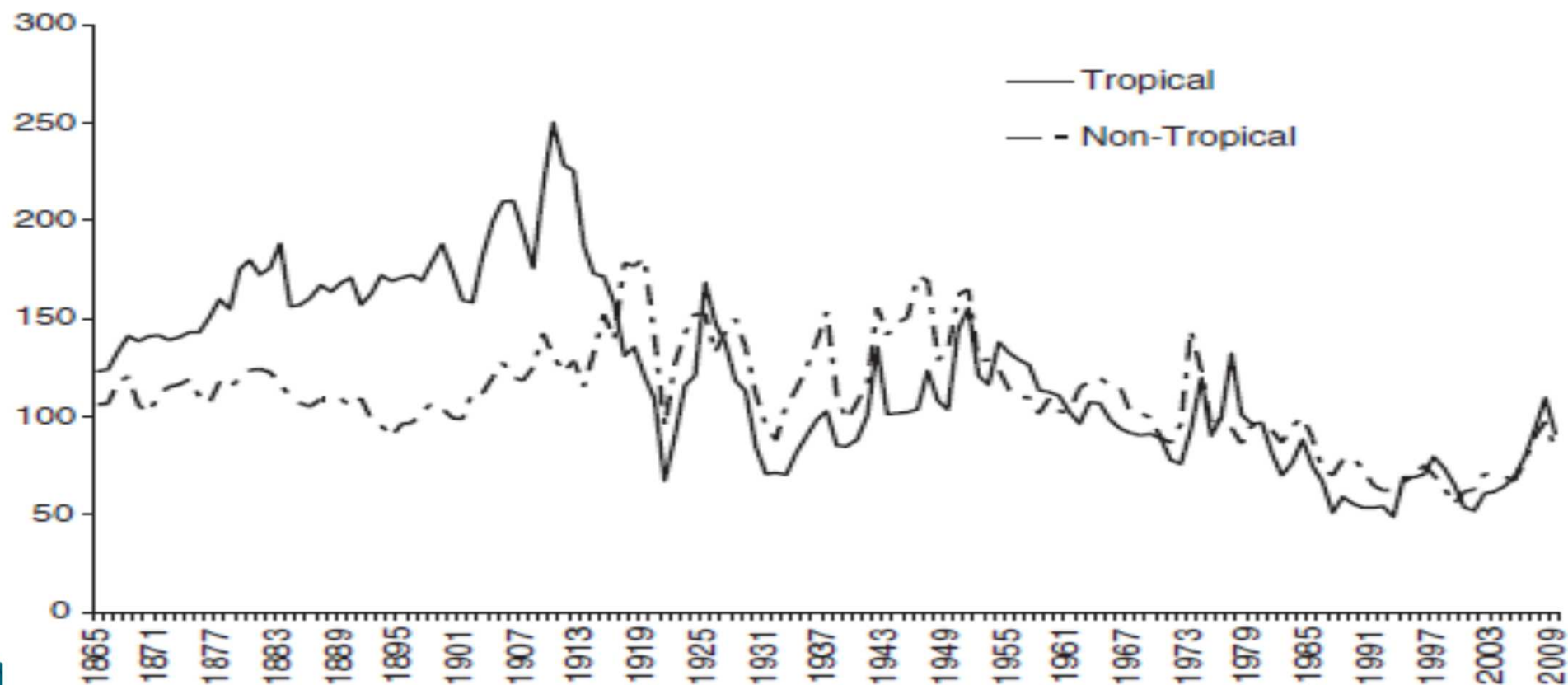
Índice de preços das commodities metálicas (1970-1979=100)



Fonte: *The terms of trade for commodities since the MID-19th Century*.
Elaboração: Ocampo e Paris (2010).

O Câmbio apreciado veio pra ficar?

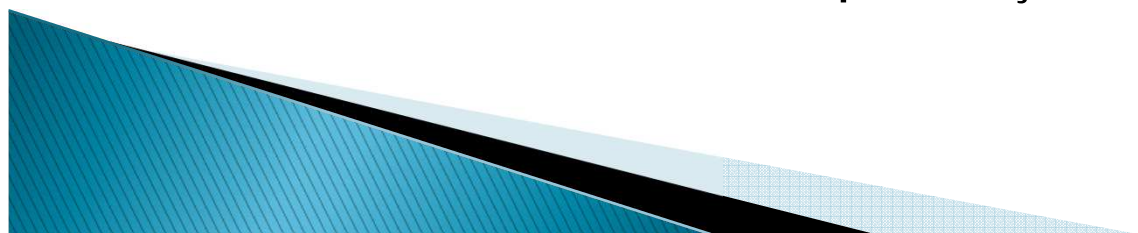
Índice de preços dos produtos agrícolas tropicais e não-tropicais (1970-1979=100)



Fonte: *The terms of trade for commodities since the MID-19th Century*.
Elaboração: Ocampo e Parra (2010).

3 – O que sabemos sobre a situação da Indústria Brasileira de Transformação?

1. A participação da indústria brasileira de transformação no PIB vem caindo continuamente desde meados da década de 1970, caracterizando assim um claro processo de desindustrialização.
2. Nos últimos 10 anos, a desindustrialização tem sido acompanhada de re-primarização da pauta exportadora.
3. A desindustrialização brasileira é precoce quando comparada com processos similares ocorridos nos países desenvolvidos, pois se iniciou num nível de renda per capita bem inferior ao observado nos países desenvolvidos quando os mesmos começaram a se desindustrializar.
4. Existem evidências fortes (Vide Marconi e Rocha, 2011) de que a desindustrialização brasileira está fortemente associada a sobre-valorização cambial, a qual foi uma constante desde a implantação do Plano Real.



3 – O que sabemos sobre a situação da Indústria Brasileira de Transformação?

5. A perda de competitividade da indústria de transformação no período 2001–2011 deve-se fundamentalmente a apreciação da taxa real de câmbio, embora o crescimento dos salários reais a frente da produtividade do trabalho pós-2008 tenha contribuído para acelerar esse processo.
6. A produtividade do trabalho na indústria de transformação permaneceu estagnada no período 1995–2008 resultado dos baixos investimentos feitos na ampliação/modernização da capacidade produtiva.
7. A participação da indústria de transformação no emprego total permaneceu inalterada no período 1995–2008 porque a indústria de transformação atendeu ao aumento das vendas com maior utilização da capacidade, mas sem realizar investimentos na ampliação/modernização da capacidade produtiva.
8. A indústria de transformação investiu pouco nesse período devido a combinação câmbio sobre-valorizado/juro real alto.



Referências citadas

- ▶ BRESSER-PEREIRA, L.C (2008). “The Dutch Disease and Its Neutralization: a Ricardian Approach”, *Revista de Economia Política*, Vol. 28, N.1.
- ▶ FARIA, R.C (2011). “O papel da inflação de *commodities* no crescimento econômico brasileiro e a ausência de reformas estruturais”. *Trabalho de Conclusão de Curso de graduação*, Departamento de Economia, Universidade de Brasília.
- ▶ FRENKEL, R; RAPETTI, M. (2011). “Fragilidad externa o desindustrialización: Cual es la principal amenaza de América Latina em la próxima década?”. *Working Paper*, Centro de Estudios de Estado y Sociedad (CEDES), Argentina.
- ▶ MARCONI, N; ROCHA, M. (2011). “Desindustrialização precoce e sobrevalorização da taxa de câmbio”. Texto para Discussão n.1681, IPEA/DF.
- ▶ OCAMPO, JOSÉ ANTONIO; PARRA, MARIÁNGELA. (2010) “The terms of trade for Commodities since the MID-19th century”. *Journal of Iberian and Latin American Economic History*, vol 28, nº 1, p 11-43.
- ▶ PALMA, G. (2005). “Quatro fontes de desindustrialização e um novo conceito de doença holandesa”. *Conferência de Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento*, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Agosto.
- ▶ ROCHA, I. (2011). “Some reflections about the economic development in Emerging Economies”. *Working paper*, Cambridge University, Reino Unido.
- ▶ ROWTHORN, R; RAMASWANY, R (1999). “Growth, Trade and Deindustrialization”. *IMF Staff Papers*, Vol. 46, N.1.